

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ACOMPANHAMENTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA PARA UM RENDIMENTO MAIS EFICAZ NA UTILIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

Cristiane Spicalski¹
Marizete Presotto²
Bruna dos Santos³

RESUMO: Este artigo busca discutir sobre o papel da afetividade na qualidade de vida de alunos que necessitam de atendimento especializado e da comunicação alternativa para a escolarização. Também se demonstra o papel fundamental da família na afetividade e na formação do caráter do futuro adulto. O estudo teve como foco motivador as observações realizadas em sala de aula levantando dados referentes às causas e consequências da utilização ou não, do tratamento afetivo para com estes alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Alunos. Comunicação alternativa.

THE IMPORTANCE OF AFFECTIVENESS IN MONITORING STUDENTS WITH PHYSICAL DEFICIENCY FOR MORE EFFECTIVE PERFORMANCE IN THE USE OF ALTERNATIVE COMMUNICATION

ABSTRACT: This article aims to discuss the role of affectivity in the quality of life of students who need specialized care and alternative communication for schooling. It also demonstrates the fundamental role of the family in the affectivity and character formation of the future adult. This study is motivated by the observations made in the classroom raising data regarding the causes and consequences of the use or not of the affective treatment for these students.

KEY-WORDS: Affectivity. Students. Alternative Communication

¹ Graduada em bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa; mestranda em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e acadêmica do Primeiro ano de Letras Português Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa

² Graduação em Matemática; MBA em gestão de pessoas; especialista em Educação Especial e inclusão educacional; licenciada em Pedagogia

³ Graduada em Licenciatura em história pela Unicentro; Pós-graduada em Filosofia, sociologia pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco. Pós Graduada em Educação Especial inclusiva pela Faculdade São Luis.

INTRODUÇÃO

Tanto a questão da afetividade como também a comunicação alternativa, são temáticas constantes no contexto pedagógico principalmente no tocante as relações que fazem parte do processo de ensino aprendizagem. Sendo um fator de estudo por parte de vários teóricos ao longo do tempo, é de suma importância dar maior ênfase a esse tema, tratando-se da escolarização de alunos com necessidades especiais e, principalmente, da existência de alunos com carências afetivas nesta modalidade de ensino. Esses alunos, assim como os demais, necessitam de um olhar mais afetivo sobre sua educação e sua vida escolar.

O estudo acerca da afetividade e os impactos desta no ensino são de interesse das instituições de ensino, dos educadores e da sociedade em geral, por ser uma questão emergente, e esta tem muito afetado no trabalho dos educadores no mundo contemporâneo.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo será a revisão bibliográfica buscando ideias e conceitos na literatura sobre o tema e seus desdobramentos.

O objetivo geral deste artigo é analisar o papel da afetividade na qualidade de vida e no desenvolvimento de alunos com necessidades educacionais especiais. Como suporte buscou-se um referencial teórico metodológico acerca da afetividade e da cognição sob a ótica de Piaget e Wallon, procurando mostrar a relação entre os aspectos cognitivos e a educação de crianças, caracterizando a importância da afetividade na formação do caráter do ser humano e a sua influência na qualidade de vida das pessoas.

Considerando que a afetividade pode ser tida como um dos elementos chaves para favorecer a qualidade de vida do ser humano em seus diferentes aspectos, a questão que se pretende responder é: qual o papel da afetividade e quais os impactos que esta proporciona na qualidade de vida de alunos com necessidades educacionais especiais na escolarização?

A QUESTÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Sabe-se que a afetividade influencia a formação estrutural do caráter da

criança, característica a qual acompanhará por toda a vida adulta, por isso este tema vem a ser um assunto de grande relevância para toda a sociedade, devido aos reflexos sentidos na mesma, especialmente em sala de aula, com crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais.

De acordo com Almeida (1993, p.39) encontramos que:

[...] Podemos concluir que, sem grande risco de equívoco, que a afetividade, tanto em Freud quanto em Piaget e Wallon, embora vista sob diferentes ângulos, ocupa um lugar privilegiado no desenvolvimento psíquico e intelectual da criança e do adolescente”.

Segundo Costa (2011, p.17) “À medida que se desenvolve, a criança estabelece diferentes níveis de relações sociais as quais interferem na construção do campo afetivo”. Com essas relações, despertam-se sentimentos e paixões, manifestações afetivas, relacionadas à outra pessoa.

Para Brenelli (2000, p.108): “A afetividade corresponde aos sentimentos, às emoções, aos desejos e aos valores, os quais sustentam as ações”. Nesse aspecto, a presença de afeto faz contribui para que a criança ou o adolescente se sintam protegidos, acolhidos e amparados pelo seu semelhante, tornando assim mais fácil o trabalho que o educador realiza com o aluno quando este se sente seguro de suas ações, facilitando a interação entre professor e aluno.

Pode-se dizer que a emoção depende do ambiente em que se está inserido, da situação em que se vive, e das circunstâncias do momento. Entende-se que uma pessoa reage de forma diferente da outra, podendo em algumas situações ser, mais ou menos sensível. De acordo com os referenciais obtidos na infância a pessoa emitirá suas respostas, em conformidade com sua sustentação psíquica.

Desde muito cedo, as crianças se desenvolvem influenciadas pelo meio em que vivem, segundo Vygotsky (1994, p. 2) “Os seguidores de John Locke, na Inglaterra, desenvolveram sua concepção empirista da mente, que enfatizava a origem das ideias a partir de sensações produzidas por estimulação ambiental”. Ambos os autores defendem a ideia que o ambiente é um dos fatores que muito influenciam na formação da personalidade do ser humano.

É nesse contexto, que a escola e os desenvolvem papel importante nessa formação, pois é no ambiente escolar que a criança ou adolescente passa grande parte do seu dia e, portanto, grande parte de sua vida se desenrola neste cenário,

nestas etapas de suas vidas. Uma escola saudável, com equilíbrio, onde os professores e os alunos, que estão inseridos nesse ambiente, convivam em harmonia e com integridade propiciam à criança e ao adolescente com necessidades educacionais especiais um desenvolvimento sadio criando estruturas sólidas para a formação do caráter do indivíduo.

Com relação ao educador, é fundamental que este, tenha uma boa estabilidade emocional para transmitir à criança e ao adolescente. Pois o meio em que está inserido influencia na formação da personalidade, positivamente ou negativamente, criando marcas que o acompanharão para a vida toda.

A afetividade gera vínculos e laços que permitem ao professor atuar de forma mais efetiva com o aluno que necessite de atendimento especializado. De acordo com Freire (1981, p.29), “[...] o amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro”.

A afeição melhora a comunicação entre educador e aluno e essa interação facilita e amplia a absorção do conhecimento acadêmico e científico. A educação é considerada a causa fundamental do desenvolvimento humano e dá-se em grande parte no espaço escolar. Sendo assim, notamos a importância de uma educação de qualidade, tendo em vista as inúmeras trocas que podem ocorrer enquanto a criança e o adolescente que convivem no espaço em que ocorre a dinâmica do ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, sente-se mais a necessidade da participação afetiva nas relações humanas na escola, principalmente por parte dos educadores, pois conforme nota-se, no princípio deste trabalho, uma das melhores definições para afeto é carinho. Considerar a afetividade como fundamental nas relações existentes entre educadores e alunos é de suma importância no ambiente escolar.

Alexander (1965) comenta que a afetividade sempre apareceu ligada a educação, tanto que, normalmente o papel do educador foi considerado pertinente à mulher que se acreditava ser delicada em questões da afetividade, pois a mulher sempre esteve ligada as questões da maternidade, cabendo a mesma a proteção e as demonstrações de carinho para com as crianças.

O processo de educação significa também o processo de constituição do ser humano. A criança e o adolescente, na escola, estão se descobrindo como pessoa,

através de suas experiências, interagindo com o outro. O papel do professor e da afetividade é primordial nesse processo. O educador deve ajudar o aluno a interagir com seus colegas de forma harmoniosa, ensinando a ele que há uma diversidade de pensamentos, de crenças, de opiniões e que para se viver em sociedade é necessário sempre respeitar aquilo que pra nós é considerado diferente.

De acordo com Leite e Tassoni, (2002, p.123 – 124), nas relações que acontecem na escola:

[...] evidencia-se a presença contínua de afetividade nas interações sociais, além da sua influência contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (aluno) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Os autores argumentam que neste entendimento, a relação professor/ aluno deve ser saudável e vem contribuir para o crescimento de um em relação ao outro. Sendo a educação um processo que se dá através do relacionamento e do afeto, deve-se entender que ela tem um conceito mais amplo do que ensinar.

Alunos que sentem que o professor demonstra afeto para com eles tem melhor desenvolvimento e envolvem-se mais intensamente nas atividades propostas em sala de aula. As demonstrações de interesse do educador em relação aos seus alunos abrem um canal que facilita a relação entre educador aluno na sala de aula, sendo proveitoso, para ambos. Especialmente de alunos que têm necessidades educacionais especiais.

Considerando algumas observações em sala é importante ressaltar que não existe forma ou técnica para desenvolver a afetividade na sua prática, esta habilidade já está presente na ação pedagógica. Com relação a amizade entre professor e aluno, esta pode contribuir para minimizar problemas que afetam a educação, pois quando criança confia no professor, passa a dividir com ele, situações que a angustiam, sejam estas ligadas a problemas familiares ou até mesmo pessoais.

Para Leite e Tassoni (2002, p.137):

O ato de ensinar e o de aprender envolvem certa cumplicidade do professor a partir do planejamento das suas decisões de ensino assumidas; mas tal cumplicidade também se constrói nas interações, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado pelo olhar, pelo

movimento do corpo que acolhe, escuta, observa e busca a compreensão do ponto de vista do aluno.

Ainda segundo Leite e Tassoni (2002), estas características vão definindo a identidade do professor, conduzindo-o para uma prática mais segura e eficaz. Neste sentido, o vínculo afetivo entre professor e aluno é fundamental para o sucesso da aprendizagem, principalmente na Educação Especial.

Discutindo as relações entre a afetividade à prática pedagógica, Leite (2006, p.38) destaca que:

Em síntese, percebemos que a afetividade está envolvida em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, constituindo-se como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. Podemos afirmar, sem exageros, que a qualidade da mediação vivenciada pelo aluno, em muitos casos, determina toda a história futura da relação entre ele e os diversos conteúdos estudados. Tal relação em muitos casos, é essencialmente afetiva.

Com essa forma de entendimento, o autor evidencia a importância do afeto como desencadeador de aprendizagens eficazes e felizes; situações essas vivenciadas não apenas na área afetiva, mas também cognitiva.

Enfatiza que a aprendizagem em sala de aula, normalmente ocorre quando estimulada por interesse, atitude ou apreciação, que há o desenvolvimento integral do aluno. Este processo educativo deve buscar harmonizar as três dimensões: a cognitiva, a afetiva e a psicomotora, respeitando o aluno como ser uno e indiviso.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática pedagógica*, no capítulo onde explica que Ensinar é uma especificidade, enfatiza no item abaixo, que:

3.9. Ensinar exige querer bem aos educandos.

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto do querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que porque professor me obriga a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. (FREIRE, 2002, p.159)

A partir das palavras de Freire é fundamental que o educador reconheça que o aspecto afetivo ou emocional em sala de aula tem uma série de implicações pedagógicas. A afetividade é decorrente do clima em sala de aula, do respeito do

aluno e ao seu desenvolvimento sócio cognitivo, além da valorização de tudo que se constrói no ambiente de aprendizagem. Isso não quer dizer que o professor afetivo é aquele que deixa o aluno fazer tudo o que quiser, ao contrário, é o professor que é capaz de estabelecer em sala de aula e fora dela, relações de respeito que conscientiza cada um do seu papel e de seus limites e estimula a aprendizagem significativa.

Freire (2002), ainda ressalta e que educador deve sempre avaliar o seu trabalho, buscando pensar e repensar sobre sua prática e conduta frente ao aluno, tendo consciência do que faz e para que faz. O papel do professor é de colaborador com a aprendizagem do aluno, assim, é necessário manter um diálogo com os alunos, pois isto é muito importante para seu desenvolvimento. O aluno desde muito cedo, tem acesso a todos os tipos de informações e formas de adquirir informações e o professor torna-se o mediador de tais conhecimentos e não mais o detentor deste.

De acordo com Lima (2000, p.149):

Para ensinar não basta ter conhecimento duma série de metodologias de ensino, optando por esta ou aquela. É preciso compreender o próprio aluno: as características de sua personalidade, a etapa de desenvolvimento motor, emocional, cognitivo e social na qual ele se encontra, bem como a maneira como aprende.

Considerando o que foi discorrido até aqui podemos dizer que dificilmente a educação obterá êxito sem a participação de professores comprometidos com o seu papel afetivo na prática docente, conscientes, portanto do seu papel.

Torna-se importante que o professor seja um ponto de auxílio e referência para a tomada de decisões dos alunos e que estes consigam buscar no professor um amparo que muitas vezes não encontram na família e na sociedade.

Bomtempo (1997), a respeito do ambiente escolar, explica que devemos:

[...] Trabalhar no sentido de criar um ambiente agradável e livre de tensões na sala de aula. O aluno precisa aprender a ser feliz na escola, descobrir o prazer de aprender, e de fazer as suas atividades bem-feitas, aprender que é, permitindo errar e que o erro nos faz crescer. Não ter medo de descobrir, assumir e desenvolver a própria potencialidade. (BOMTEMPO, 1997, p.9)

Observa-se que, a melhor maneira da criança e do adolescente aprender é transformando a sala de aula, de forma que a mesma sinta-se bem e assim conseqüentemente sinta-se motivada a aprender. Despertar nestes o desejo de

estar no ambiente escolar e proporcionar ao aluno que se sinta inserido efetivamente com os demais colegas.

Todo ser humano necessita dar e receber afeto, precisa ser reconhecida como alguém que é capaz de realizar algo, que deve sentir segurança em qualquer local que esteja e é no ambiente escolar que se estimula a formação psíquica de adultos saudáveis, que ao estarem expostas, as mais diversas situações tenham condições de terem as melhores reações possíveis e dentro de uma condição considerada dentro da normalidade.

A autora de o livro *Educar com o Coração*, explica que para colocarmos ensinarmos valores precisamos reconhecer a importância dos sentimentos. Por isto, coloca que

[...] Vivemos um momento histórico crucial, em que ainda podemos colaborar para as criatividades a participação responsável e a cooperação na construção de uma comunidade harmoniosa, baseada em amor, energia de crescimento e de transformação, respeito, verdade, retidão e justiça. (PUEBLA, 1997, p.20):

Puebla (1997, p. 20), considera que a sala de aula é um espaço onde é possível acontecer “a transmissão de valores e enfatiza a importância dos professores mesmos praticarem esses valores, em todos os momentos”. Para o autor a partir do exemplo os professores levam seus alunos a enfrentarem melhor os problemas de seu ambiente. Diz que “um professor emocionalmente equilibrado consegue intervir de forma adequada nas relações conflituosas de sua sala de aula, ou seja, sua participação na vida de seus alunos tenderá a basear-se no respeito e na justiça”. (PUEBLA, 1997, p. 22).

Portanto, nota-se a importância de ter em sala de aula profissionais que estejam realmente engajados na busca de uma educação e inclusão de qualidade, com respeito ao educando e principalmente, preocupados em desempenhar suas funções com dedicação e amor, visando o bem-estar de todos. É importante que o educador demonstre seu afeto para com seus alunos, independentemente de qualquer divergência que exista. Também é de suma importância que os educadores conheçam a complexidade que permeiam o ambiente escolar principalmente no tocante aos diversos tipos de deficiências. Assim pode-se dizer que:

[...] é necessário que os professores conheçam a diversidade e a complexidade dos diversos tipos de deficiência física para definir estratégias de ensino que devolvam o potencial do aluno. De acordo com a limitação

física apresentada é necessário utilizar recursos didáticos e equipamentos especiais para a sua educação buscando viabilizar a participação do aluno nas situações práticas vivenciadas no cotidiano escolar, para que o mesmo, com autonomia, possa otimizar suas potencialidades e transformar o ambiente em busca de uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 2006 p. 29)

Faz-se necessário também saber separar os momentos em que necessita ser mais firme e os momentos de docilidade, levam a criança e o adolescente a sentir-se amado e acolhido. A docilidade é capaz de conquistar o aluno, com ela o educador pode ganhar sua confiança abrindo um caminho para o aprendizado. Através da docilidade do educador em suas ações ele ajuda aos seus alunos a desenvolverem melhor suas habilidades e competências, sendo que eles percebem que o educador está ali para ajudá-los a superar suas limitações. Já nos momento que o Educador precisa demonstrar mais firmeza para com o aluno seja para incentiva-lo ou corrigi-lo, é importante que esta firmeza não seja áspera a ponto de desmotivar o aluno, mas sim uma firmeza pautada no respeito e na valorização dos potenciais desse aluno.

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AFETIVIDADE: UMA RELAÇÃO A SER TRABALHADA

Em um primeiro momento falou-se sobre a questão do papel da afetividade no processo educacional de ensino aprendizagem em geral, neste momento será discutido sobre a relação entre a afetividade e comunicação alternativa.

O conceito de Comunicação Alternativa e Ampliada “é utilizado para definir outras formas de comunicação como o uso de gestos, língua de sinais, expressões faciais, o uso de pranchas de alfabeto ou símbolos pictográficos, até o uso de sistemas sofisticados de computador com voz sintetizada”. (GLENNEN, 1997 *apud* PELOSI, 2000, p. 35).

Um dos recursos utilizados pelo profissional que trabalha com Comunicação alternativa são as pranchas de comunicação que servem como ferramenta de auxílio contendo desenhos, símbolos, letras, que ajudam na expressão de sentimentos,

A prancha de comunicação de baixo recurso é feita pelo professor de comunicação alternativa para facilitar a comunicação e aprendizagem sem fala ou escrita convencional ou em defasagem, podem ficar apoiadas na vertical ou na horizontal, ou também em forma de avental onde é colada um velcro e os cartões

são grudados no avental.

Pode-se classifica-las em três categorias: a primeira delas é a prancha individual que é utilizada para as necessidades e habilidades do aluno como calor, frio, dor, sede, banheiro, o ideal é que esta prancha seja fixada bem próxima do aluno para que ele se comunique por indicação ou varredura, neste caso o professor deve reconhecer as expressões e movimentos do aluno que facilitam o entendimento.

A segunda categoria são as pranchas de rotina, essas são utilizadas para organização cotidiana do aluno como, por exemplo, horário das aulas, recreio, lanche, calendário, troca, informática, atividades, o ideal é que ela seja fixada na parede para que o aluno possa acompanhar sua rotina, lembrando que este trabalho deve ser constante, demanda de insistência por parte do professor.

A terceira categoria se trata da prancha temática onde se trabalha o assunto em si, como por exemplo, números, animais, sistema solar, entre outros.

Por se tratar de escola pública os recursos são bem limitados dependendo muitas vezes da criatividade do professor e reutilização de matérias como papelão, banner sem uso.

As pranchas normalmente são confeccionadas a partir do momento que o professor estabelece o sim e o não do aluno, sem ter definido isso a comunicação fica limitada por isso a importância da relação professor e aluno, quanto mais íntimos, mais sensibilidade haverá entre ambos e melhor será o processo ensino aprendizagem. Para exemplificar, não adianta o professor solicitar que o aluno pisque para o “sim” se o aluno não reconhece isso como Sim, se para ele o sim é um movimento da mão.

Abaixo é possível ver um de vários modelos de cartão utilizado na comunicação alternativa. Há uma série de símbolos gráficos que foram desenvolvidos para facilitar a comunicação de pessoas com necessidades educativas especiais. A imagem abaixo apresenta alguns desses símbolos:

Imagem 1 - Cartão de Comunicação Alternativa



Fonte: <http://marligomesd1704.blogspot.com.br/2014/08/prancha-de-comunicacao-alternativa.html>

Esses são os cartões que servem como ferramentas de apoio no trabalho do educador, através dos quais o aluno pode indicar ao professor qual sua necessidade no momento, como quando precisa ir ao banheiro, está necessitando de ajuda do professor, entre outros como podemos visualizar na imagem abaixo:

Imagem 2 – Cartão Comunicação Alternativa



Fonte: <http://marligomesd1704.blogspot.com.br/2014/08/prancha-de-comunicacao-alternativa.html>

Para que haja um resultado mais satisfatório na utilização dessas ferramentas de apoio entra aqui a questão da afetividade entre professor e aluno. A afetividade no trabalho com educação alternativa é de suma importância, já que por vezes esse trabalho realizado com o aluno requer paciência, persistência, dedicação do profissional, que por vezes verá o resultado de seu seus alunos em longo prazo, não acontece de um dia para outro e sim de vários dias de empenho tanto do aluno quanto da persistência do professor de ajudar e colaborar com a aprendizagem desse aluno.

Aqui o papel da família também é importante, segundo Catarina e Hollerweger (2014,p. 6) podemos afirmar que:

A presença e acompanhamento da família, na vida de qualquer criança, é muito importante para o seu desenvolvimento pleno. Seu papel é o de oferecer-lhe um lugar onde possam desenvolver-se com segurança e aprender a se relacionar em sociedade. Este esforço torna-se, sem dúvida, mais difícil para as famílias dos deficientes. Quando isto acontece, se exige de cada membro familiar uma redefinição de papéis, cobrando-se deles mudanças de atitudes e novos estilos de vida.

Cabe ressaltar que, a família deve buscar orientação médica, com psicólogos ou centros de atendimentos a portadores de necessidades especiais como argumentam Catarina e Hollerweger (2014) para que assim, a família possa ter um direcionamento de como poder auxiliar a criança ou o adolescente de forma correta em cada etapa da aprendizagem destes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se discutir um pouco neste trabalho sobre a o papel da afetividade na qualidade de vida de alunos que necessitam de atendimentos especializados e de comunicação alternativa para a escolarização. Também se abordou sobre a necessidade da família assim como o papel fundamental na formação do caráter do futuro adulto. O estudo teve como foco motivador as observações realizadas em sala de aula levantando dados referentes às causas e conseqüências da utilização ou não, do tratamento afetivo para com estes alunos.

Através de estudos já realizados sobre o tema nota-se que a questão da afetividade é algo bastante discutível por vários teóricos e considerando as análises feitas na escola também se verificou que considerar a questão a afetividade pode

ser entendida como um fator benéfico no processo de ensino aprendizagem de alunos com necessidades especiais, como também no trabalho utilizando-se da ferramenta da comunicação alternativa.

Essa afetividade deve estar relacionada ao trabalho do professor, e ainda no ambiente familiar, sendo que a família vem a ser um suporte de ajuda no desenvolvimento humano, pessoal, social e intelectual. Faz-se necessário ressaltar que principalmente com relação à comunicação alternativa a questão da afetividade e deve ser vista como um processo contínuo em que o professor vai conhecendo as reações de seus alunos, identificando suas limitações, superações a cada atividade proposta. Ainda é importante pensar sobre a necessidade de o educador estar preparado e qualificado para desenvolver um trabalho de acompanhamento que ajude ao aluno a desenvolver resultados visíveis em seu processo de aprendizagem e em seu desenvolvimento social e humano.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, F. Influência Educativa dos Fatores de Personalidade no Ambiente. in: KLUCKHOHN, C. e MURRAY, H. A. (Orgs). **Personalidade: na natureza, na sociedade na cultura**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1965.

ALMEIDA, S. F. C. de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. In: **Temas em Psicologia**. Desenvolvimento cognitivo: linguagem e aprendizagem. Sociedade Brasileira de Psicologia. N.1, 1993, p. 31-44.

_____ **A Emoção na Sala de Aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

BOMTEMPO, L. Escola do coração. Um conjunto de atividades para desenvolver nos alunos a inteligência emocional. **Amar Educando**. Minas Gerais: Fundação Amar Educando, nº268, jun., 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: MEC/ SEESP, 2006

BRENELLI, R.B. Piaget e afetividade. In: SISTO, F. F.; OLIVEIRA, G. C; FINI, L. D. Z. (orgs). **Leituras de psicologia para a formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, 2000.

CATARINA, Mirtes Bampi Santa; Silvana Hollerweger, Silvana. **A importância da família na aprendizagem da criança especial**. In: REI: Revista de educação do Ideau. Vol. 9 – Nº 19 - Janeiro - Junho 2014 Semestral

COSTA, Andréia Pires da. **A importância da afetividade no processo de inclusão escolar**. Monografia, Brasília, 2011

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e terra, 1981

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 23 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Y. de. Desenvolvimento do Juízo Moral e Afetividade na Teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, S. A. da S. (org.). **Afetividade e práticas pedagógicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, S. A. S. e TASSONI, E.C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G. e SADALLA, A. M. F. de A. (Orgs.) **Psicologia e formação docente: desafios e controvérsias.** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2002.

LIMA, L.M. S. Motivação em sala de aula: a mola propulsora da aprendizagem. In: SISTO, F.F.; OLIVEIRA, G. de C.; FINI, L. D. T. (Orgs.) **Leituras de Psicologia para Formação de Professores.** Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP, Universidade São Francisco, 2000.

PELOSI, Miryam Bonadiu. **A comunicação alternativa e ampliada nas escolas do Rio de Janeiro: formação de professores e caracterização dos alunos com necessidades educacionais especiais.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

PUEBLA, EUGENIA. **Educar com o coração: uma educação que desenvolve a intuição.** Trad. Patrícia Caffarena Celani Chnee. São Paulo, SP: Peirópolis, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994.

WALLON, HENRY, 1879 – 1962. **As origens do caráter na criança.** Trad. Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo, SP: Nova Alexandria, 1995.

<http://marligomesd1704.blogspot.com.br/2014/08/prancha-de-comunicacao->